

MIGRAÇÕES RURAIS E CRESCIMENTO URBANO

Luciano Mota Gaspar

I — INTRODUÇÃO

O crescimento vertiginoso das populações urbanas vem sendo objeto de estudos de cientistas sociais nos últimos tempos (Wirth, 1938; Breese, 1966). Antropologistas como Redfield (1947) e Beals (1951) também tiveram suas atenções voltadas para o impacto da industrializada civilização ocidental sobre sociedades tradicionalmente agrícolas e os conseqüentes problemas causados pelo rápido processo de “urbanização” por que vem passando o mundo. Dentre êsses problemas, objeto de especial preocupação é a proliferação de favelas nas cidades, fato em grande parte causado pelo fluxo migratório das populações rurais.

No Brasil as migrações têm produzido uma significativa mudança de distribuição populacional entre o interior e as cidades. Segundo os Resultados Provisórios do Recenseamento de 1960, a percentagem populacional urbana e suburbana cresceu de 31.24% em 1940 para 36.16% em 1950 e 45.08% em 1960. Analisando o setor urbano brasileiro na década de 1940 a 1950, Geiger (1963:17) comenta: “o exame da composição profissional da população ativa revela que o Brasil,

em 1950, abandonava a situação de um país de economia agrícola para adquirir a estrutura dos países de economia agrícola com atividade industrial subordinada". Tal afirmativa é feita segundo o critério de Pierre George (1952:6) que assim classifica os países cuja percentagem de população urbana se situa entre 30 e 40, nêles se encontrando uma estrutura agrária, porém com grandes capitais, portos e cidades industriais, como o caso brasileiro.

O presente trabalho se propõe a focalizar, no quadro geral do Brasil, o caso específico da cidade de Fortaleza, cujo elevado crescimento populacional oferece campo para investigações em tôrno de problemas como as migrações rurais do Nordeste e suas conseqüências nos centros urbanos.

II — AS MIGRAÇÕES INTERNAS NO BRASIL

a) Aspectos Gerais

As migrações internas não constituem fato nôvo na história brasileira. Elas ocorreram durante os ciclos da economia regional: ciclo do gado no Nordeste, ouro e diamantes nas Minas Gerais, entradas e bandeiras, cultura do café no planalto paulista e borracha nos seringais da Amazônia. O que é nôvo é o êxodo rural massivo, motivado, em grande parte, por um processo de industrialização que vem caracterizando a moderna economia brasileira, mas que está longe de absorver os centros urbanos. O atual processo de "urbanização" do Brasil pode, de certa maneira, ser visto pelo aumento demográfico das nove maiores cidades do país (*Anuário Estatístico do Brasil*, 1967):

Cidade	1950	1960	1968
São Paulo	2.041.857	3.825.351	5.835.000
Rio de Janeiro	2.303.065	3.707.163	4.230.000
Recife	512.370	796.234	1.087.000
Belo Horizonte	338.585	693.328	1.087.000

Cidade	1950	1960	1968
Salvador	417.235	644.735	915.000*
Pôrto Alegre	394.151	641.173	919.000
Fortaleza	235.633	470.778	840.000
Curitiba	180.575	361.303	612.000
Belém	239.820	402.170	560.000
TOTAL	6.663.289	11.154.241	16.150.000

É oportuno observar que os dados acima não revelam a mobilidade inter-regional. Assim, enquanto Fortaleza, Recife e Salvador, no Nordeste (região em que particularmente estamos interessados) aumentaram sensivelmente suas populações, a área nordestina, como um todo, vem sofrendo um decréscimo demográfico, de acôrdo com o censo de 1960:

Região	<i>Percentagem de aumento anual de População</i>	
	1940-1950	1950-1960
Norte	2.39	3.44
Nordeste	2.32	2.26
Este	1.95	2.76
Sul	2.80	3.75
Centro-Oeste	3.33	5.55
Média Nacional	2.55	3.55

Sôbre o assunto, Fischlowitz (1969) comenta: "O decréscimo populacional do Nordeste está estreitamente ligado ao movimento de seus residentes para outras regiões, especialmente o Este e o Sul. Do mesmo modo, o elevado aumento de população do Centro-Oeste reflete sua característica como uma região de imigração, relacionada com a transferência para essa área da nova Capital da República."

b) O Caso Nordestino

Estudando a procedência dos migrantes de Fortaleza, Nogueira (1967: 181-182) menciona duas pesquisas realizadas pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, uma levada a efeito no Pirambu e outra no abrigo da Hospedaria Getúlio Vargas. No Pirambu foi constatado que os naturais do interior compõem a maioria, conforme se pode constatar nos dados abaixo transcritos:

<i>Procedência</i>	<i>Número</i>	<i>%</i>
Ceará	5.696	80,3
Interior	3.750	52,9
Fortaleza	1.943	27,4
Outros Estados	487	6,8
Não Declarado	920	12,9
TOTAL	7.100	100,0

Igualmente, na Hospedaria Getúlio Vargas a pesquisa revelou que a maioria (74,6%) é originária do interior do Estado, valendo dizer-se que a amostra tomou em consideração a procedência de 38.586 pessoas registradas durante o período de 1956 a 1961. Eis os resultados colhidos:

<i>Procedência</i>	<i>Número</i>	<i>%</i>
Ceará	36.622	94,6
Interior	28.801	74,6
Fortaleza	7.821	20,0
Outros Estados	1.846	4,8
Não Declarado	125	0,3
TOTAL	38.596	100,0

O caso de Fortaleza, em que o processo de desruralização do interior vem determinando a formação de populações fa-

veladas em áreas como o Pirambu, Mucuripe, Varjota, é o típico de outras capitais do Nordeste. Em Recife, onde proliferam os "mocambos"(1), Gonçalves e Cruz (1961) realizaram uma pesquisa entre 1 874 famílias de "Peixinhos", cujos chefes eram 76% nascidos fora da capital pernambucana, sendo oriundos do interior e de outros Estados.

c) Causas das Migrações

Estudos realizados sobre as migrações internas no Brasil ressaltam que estas ocorrem devido a condições econômicas (Unzer e Sobrinho, 1951; Barros, 1953; Camargo, 1960).

No caso específico do Nordeste, as publicações *As Migrações Para o Recife* (1962) e *As Migrações Para Fortaleza* (1967) analisam o problema dos movimentos rurais e suas implicações no crescimento urbano como uma consequência da estrutura econômica nacional. De fato, o êxodo rural resulta sobretudo da má distribuição e aproveitamento das terras: a existência de *latifúndios*(2) concentrando, sem aproveitamento, imensas extensões de terras nas mãos de uns poucos; por outro lado, a proliferação de *minifúndios*, cuja rentabilidade econômica é insuficiente para manter uma família. Os latifúndios brasileiros chegam a atingir 500 a 1 000 ha., enquanto uma significativa porção dos minifúndios não chegam a 20 ha.

Lavaréda (1960:15) menciona os resultados numéricos de um inquérito municipal realizado pela Comissão de Política Agrária em colaboração com o I.B.G.E. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no qual, de 405 municípios informantes no Nordeste, em apenas 25 os grandes proprietários tinham nível de vida excelente; 335 tinham vida boa; e 22 vida pobre. Por outro lado, os pequenos proprietários tinham nível de vida que muito se aproxima dos trabalhadores rurais.

(1) Nome local para designar as favelas.

(2) O latifúndio tem suas origens nas sesmarias, sistema de distribuição das terras que remonta ao tempo da colonização do país.

REGIÃO NORDESTE

Classes Sociais	Municípios Informantes Segundo o nível de vida				
	Total	Exce- lente	Bom	Pobre	Não Decla- rado
a) <i>Habitação</i>					
Grandes proprietários	405	29	339	18	22
Pequenos proprietários	405	2	126	268	6
Arrendatários e parceiros	405	1	81	283	40
Trabalhadores rurais assalariados	405	—	11	283	11
b) <i>Alimentação</i>					
Grandes proprietários	405	25	335	22	23
Pequenos proprietários	405	—	91	307	7
Arrendatários e parceiros	405	—	52	312	41
Trabalhadores rurais assalariados	405	—	13	379	13

No caso do Nordeste, onde a economia da região reside principalmente no setor agrário, deve-se acrescentar ainda como causa das migrações as irregularidades nas precipitações pluviométricas. No Ceará, estudos conduzidos por Costa (1963) levam à conclusão de que o Estado depara-se com um período de “sêca” parcial ou total cada dez anos. Para fugir às conseqüências de um período “sêco”, o rurícola emigra para centros urbanos como Fortaleza, que oferecem as oportunidades e atrações das “grandes capitais regionais”, para usar a classificação de Geiger (*op. cit.*). As conseqüências de uma “sêca” sobre a produção agrícola do Ceará podem ser vistas nos seguintes dados do Serviço de Estatística do Ministério da Agricultura, os quais foram transcritos em *As Migrações Para Fortaleza* (*op. cit.* pág. 276), e em que se observa o decréscimo ocorrido no ano “sêco” de 1958:

PRODUÇÃO AGRÍCOLA DO CEARÁ — 1957-1961
(1957 = 100)

Anos	Área Cul- tivada	Produção Valor Quantidade	Preço Corrente	Preço Constante	Produ- tividade
1957	100	100	100	100	100
1958	59	52	65	52	87
1959	91	85	171	86	93
1960	96	88	191	86	91

Finalmente, deve ser mencionado o obsoleto processo de agricultura utilizado no Nordeste, complexo de tradições índia, negra e portuguesa, havendo necessidade da introdução de novas técnicas, que permitam um aumento na produtividade, e conseqüentemente, um aumento na renda do homem do campo.

III — AS FAVELAS E O CRESCIMENTO URBANO

Pesquisa realizada por Modesto (1961) nas principais favelas de Fortaleza revelou que seus habitantes atingem 20% da população geral da cidade. Das 11 favelas estudadas, apenas 3 são fundadas em terrenos particulares, 2 em terrenos de autarquias federais, e 6 em terrenos da Prefeitura Municipal. A maior favela de Fortaleza — o Pirambu — data do ano “sêco” de 1932 e já contava ao tempo da pesquisa mencionada 41.000 moradores.

Essa acumulação nos centros urbanos de populações faveladas tem sido apontada como um dos maiores problemas de urbanização dos países em processo de desenvolvimento. Alguns autores particularmente se preocupam com a incapacidade

dos centros industriais e comerciais de absorverem a crescente procura de trabalho dos centros urbanos com as populações faveladas que nêles proliferam. Existem, ademais, concepções falsas sôbre as favelas, generalizando-se idéias que não se aplicam a casos específicos ou que inteiramente não correspondem à realidade.

Mangin (1967:66) menciona alguns dos "mitos" existentes sôbre as favelas, dos quais destacamos:

1 — as favelas são caóticas e desorganizadas;

2 — elas representam uma "sangria" na economia da nação pelo seu elevado índice de desemprego, porque seus moradores pertencem econômicamente às classes mais baixas e habitam as mais miseráveis moradas, porque o trabalho que nelas se produz seria melhor aproveitado no campo;

3 — os favelados não participam da vida da cidade, sendo a maioria analfabeta e de baixo nível de educação.

O "marginalismo" das populações faveladas, isto é, a idéia de uma separação econômica e social entre a cidade e suas favelas parece originar-se da *concepção dualista* da sociedade nacional. Lambert (1959) expõe as linhas gerais desse pensamento:

"A vantagem econômica da estrutura social dualista é poder pôr à disposição da parte desenvolvida ou em processo de desenvolvimento, imigrantes que não procedem do estrangeiro, mas que vegetam na sociedade arcaica, enquanto esperam, para poder passar para a sociedade progressista, que esta dêles necessite." (Pág. 85.)

... "Recém-chegados das zonas rurais atrasadas, muitos operários da cidade ainda não se desintegraram completamente da velha sociedade colonial; seus níveis de cultura são muito baixos, seus estilos de vida arcaicos; são "caboclos" que perderam seus quadros tradicionais e ainda não encontraram outros; estão portanto em fase de desorganização; já não pertencem mais ao velho Brasil e ainda não se integraram no novo" (pág. 129).

Assim, vistos como oriundos do interior, onde reside o "setor tradicional" da sociedade (*folk*), as populações fave-

ladas transplantam para a cidade (*urbs*) a *subcultura cabocla*(3), a qual tende a persistir pois que “as migrações internas são migrações de família e porque a família rural na cidade continua a educar seus filhos de acôrdo com os padrões rurais” (Bastide, 1964).

A concepção dualista parece-nos não resistir a uma análise do mecanismo funcional de uma sociedade urbana vista como um todo. De fato, as partes econômicamente menos favorecidas, como as populações faveladas, integram o complexo urbano, através de uma interconexão:

a) *econômica* — não apenas o trabalho prestado nas indústrias e no comércio, mas ainda os serviços utilizados pelas “elites” e classe média, tais como empregadas domésticas, engraxates, vendedores ambulantes etc. Em Fortaleza a pesquisa do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, a que já nos referimos, revelou a existência de 37 ocupações exercidas por favelados. Ademais, êstes expendem seu dinheiro em cinemas, bares, competições esportivas e outras diversões localizadas em diferentes áreas da cidade e cujos proprietários não residem em favelas;

b) *social* — aqui se pode mencionar o que Mangin (*op. cit.*) chama “capital social intangível”, ou seja, a criação de uma nova comunidade, fator relevante para uma sociedade em processo de desenvolvimento. Plotkin (1966) e Marocco (1966) ressaltaram a integração das famílias faveladas, tendo êste último descrito a interconexão social existente entre uma “escola-de-samba” de uma favela carioca e a vida social do Rio de Janeiro.

Epstein (1969:19) destaca o aspecto positivo das favelas, afirmando:

“Ao invés de se verem tais núcleos (com alarme ou coisa semelhante) como produtos de uma alegada falência na difusão dos valores urbano-industriais sôbre as classes mais baixas e de orientação rural, ou como conseqüências patológicas da desorganização ou mau planejamento, melhor é considerar

(3) Wagley (1954) considera a sociedade brasileira como um conjunto de cinco subculturas, das quais a “subcultura cabocla” é formada pelos que moram em zonas rurais, tais como, roceiros, criadores de gado ou coletores de produtos nativos.

a contribuição prestada pelas favelas à economia urbana através de mão-de-obra barata.”

Há quem deseje solucionar o problema das favelas com medidas que nos parecem de todo arbitrarias, tais como a simples erradicação das mesmas ou a transferência compulsória para outras áreas (experiência de resultados negativos no Rio de Janeiro); até mesmo há quem sugira a proibição por lei das migrações, o que seria impraticável.

Ao nosso ver, melhor é encarar as favelas como realidade — um aspecto do problema habitacional, estreitamente ligado aos demais problemas de desenvolvimento nacional e regional — e tentar oferecer condições de trabalho e bem-estar aos que nelas vivem. De fato, as favelas não são apêndices ou corpos estranhos dos centros urbanos, mas constituem partes integrantes da comunidade em processo de desenvolvimento.

IV — TEORIAS E HIPÓTESES

Algumas teorias correntes sobre o processo de urbanização podem servir de guias a uma investigação intergrupala da composição urbana e seu mecanismo de interação econômica, social e cultural. Assim, o envolvimento do favelado proveniente do interior com o complexo urbano-industrial implica numa mudança de atitudes, valores e comportamento (*Culture Change Theory*). Importante peça na fase de adaptação psicológica do rurícola ao meio urbano é a presença de familiares ou de amigos anteriormente chegados à cidade.

Também a integração social, econômica e cultural das famílias faveladas com as de outras áreas da cidade pode ser explicada pelo processo de constantes contactos, ou seja, a ampliação daquele grupo inicial de adaptação (*Reference Group Theory*). Graves (1966:297) chama “transitional reference group” a esse primeiro grupo com que se depara o migrante na cidade, e que tende a expandir-se horizontalmente em sucessivos novos contactos.

Leeds (1964) elaborou um modelo pelo qual a estrutura social brasileira, através de contactos (“panelinhas”, “igre-

jinhas”) se intercomunica horizontalmente e tenta uma mobilidade vertical.

Ambas as teorias — “culture change” e “reference group” — podem orientar na elaboração de um questionário visando ao estudo da interconexão urbana.

V — BIBLIOGRAFIA

- BARROS, Souza — 1953 — *Êxodo e Fixação*, Rio de Janeiro, Serviço de Informação Agrícola.
- BEALS, Ralph L. — 1951 — “Urbanism, Urbanization and Acculturation”, *American Anthropologist*, 53: 1-10.
- BASTIDE, Roger — 1964 — “Ethnologie des capitales latino-américaines”, *Caravelle*, vol. 3, pág. 76.
- BREESE, Gerald W. — 1966 — *Urbanization in Newly Developing Countries*, New Jersey: Prentice-Hall, Inc.
- CAMARGO, José Francisco — 1960 — *Êxodo Rural no Brasil*, S. Paulo, Universidade de São Paulo.
- COSTA, João Ramos Pereira da — 1963 — Pesquisa sobre a incidência de secas no Ceará. Não publicada.
- EPSTEIN, David — 1969 — “The Genesis and Function of Squatter Settlements in Brazilia”. Trabalho mimeografado e apresentado em um seminário sobre Racismo e Classes no Brasil, Indiana University.
- ESTADO do Ceará — 1967 — *As Migrações para Fortaleza*, Fortaleza, Ce.
- ESTADO de Pernambuco — 1962 — *As Migrações para Recife*, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.
- GEIGER, Pedro Pinchas — 1963 — *Evolução da Réde Urbana Brasileira*, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Rio de Janeiro.
- FISCHLOWITZ, Estanislau — 1969 — “Internal Migration in Brazil”, in *Internal Migration Review*, vol. III, Summer.
- GEORGE, Pierre — 1952 — *La Ville*; Presses Universitaires de France, Paris.
- GONÇALVES, Antônio; CRUZ, Levy — 1961 — “Algumas Características Demográficas e de Habitação do “Sítio dos Peixinhos”, *Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais*, número 10. Recife.
- GRAVES, Theodore D. — 1966 — “Alternative Models for the Study of Urban Migration”, *Human Organization*, vol. 25, Winter.

- LAMBERT, Jacques — 1959 — *Os Dois Brasis*, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Rio de Janeiro.
- LAVARÉDA, José Hesketh — 1960 — “Migrações Internas do Nordeste — Caruaru, um de seus Centros Detentores”, em *Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais*, N. 9, Recife.
- LEEDS, Anthony — 1964 — “Brazilian Careers and Social Structure: an Evolutionaire Model and Case History”, *American Anthropologist* 66: 1321-1347.
- MANGIN, William — 1967 — “Latin American Squatter Settlements: a Problem and a Solution”, *Latin American Research Review*, vol. 2, n. 3, págs. 65-66.
- MODESTO, Hélio — 1967 — Pesquisa citada em *As Migrações para Fortaleza*.
- MOROCCO, David — 1966 — “Carnaval groups-maintainers and intensifiers of the favela phenomenon in Rio”, trabalho mimeografado e apresentado no 36 Congresso de Americanistas de Punta del Plata.
- NOGUEIRA, Amélia Alba — 1967 — “Os Fatôres Geográficos da Emigração Rural” em *As Migrações para Fortaleza*.
- REDFIELD, Robert — 1947 — “The Folk Society”, *American Journal of Sociology* 52: 293-308.
- UNZER, Vicente; SOBRINHO, Octávio — 1951 — *Migração Rural Urbana*, São Paulo.
- WAGLEY, Charles — 1954 — “Estudos de Comunidade no Brasil sob Perspectiva Nacional”, *Sociologia*. São Paulo.
- WIRTH, Louis — 1938 — “Urbanism as a Way of Life”, *American Journal of Sociology*, 44: 1-24.